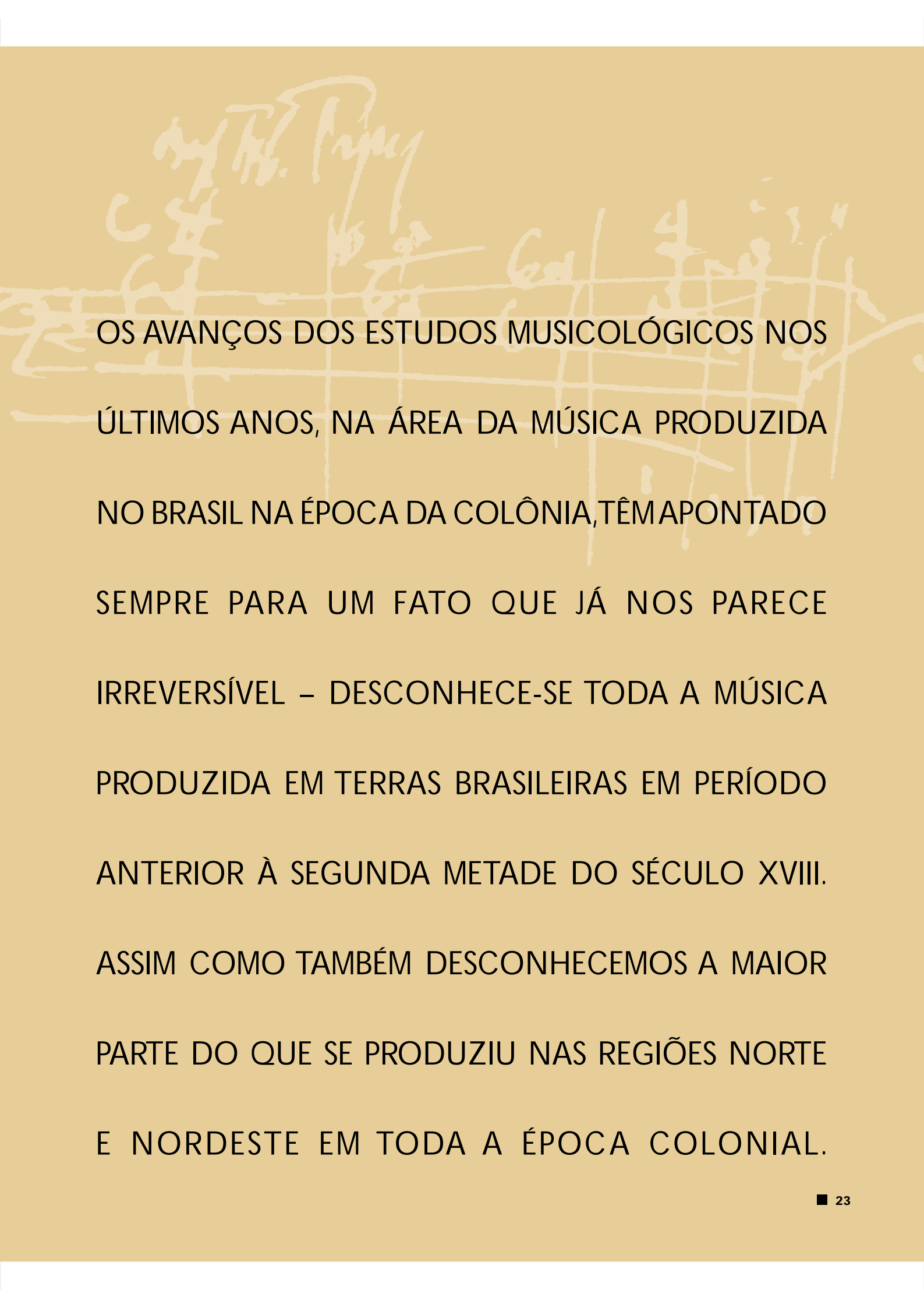


**A música no
Brasil Colonial
anterior à
chegada da
Corte de
D. João VI**

HARRY CROWL

The background features a light beige color with a faint, white grid pattern. Overlaid on this grid are several white musical notes and stems, including a treble clef, a bass clef, and various note heads and stems, suggesting a musical score or manuscript. The text is centered and reads:

OS AVANÇOS DOS ESTUDOS MUSICOLÓGICOS NOS ÚLTIMOS ANOS, NA ÁREA DA MÚSICA PRODUZIDA NO BRASIL NA ÉPOCA DA COLÔNIA, TÊM APONTADO SEMPRE PARA UM FATO QUE JÁ NOS PARECE IRREVERSÍVEL – DESCONHECE-SE TODA A MÚSICA PRODUZIDA EM TERRAS BRASILEIRAS EM PERÍODO ANTERIOR À SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII. ASSIM COMO TAMBÉM DESCONHECEMOS A MAIOR PARTE DO QUE SE PRODUZIU NAS REGIÕES NORTE E NORDESTE EM TODA A ÉPOCA COLONIAL.

O conjunto da produção musical encontrado na capitania-geral das Minas Gerais, na época do ciclo do ouro, tornou-se a referência mais antiga da produção musical artística no Brasil. Salvo alguns poucos exemplos isolados de manuscritos encontrados em outras regiões do país, a produção mineira consistiu-se no primeiro grande conjunto de obras musicais disponíveis para o desenvolvimento de um estudo mais aprofundado sobre a expressão musical no país.

Apesar do deslocamento do eixo econômico para a região das Minas Gerais, é nas capitanias-gerais da Bahia e Pernambuco que encontraremos as referências musicais comprovadamente mais antigas do Brasil. Considerando que as descobertas de Mogi-das-Cruzes na década de 1980 apontam para as práticas polifônicas portuguesas anteriores ao século XVIII, somos obrigados a retomar a antiga capital da colônia, Salvador, como ponto de partida para qualquer consideração que queiramos fazer sobre a música exclusivamente escrita no Brasil, na época anterior à independência política. Sendo a região por onde iniciou-se a colonização, a Bahia apresenta nessa época uma sociedade já relativamente sedimentada, se comparada com as demais regiões da Colônia. Poderíamos acrescentar a Capitania de Pernambuco como a segunda região mais importante do ponto de vista sócio-cultural e econômico. Nesse sentido, o achado mais importante até agora é uma obra de caráter profano, anônima, composta em 1759, denominada *Recitativo e Ária*. Esse manuscrito para soprano, violinos I e II, e baixo contínuo, datado de 2/7/1759, está dedicado a José Mascarenhas Pacheco Pereira de Mello, um importante magistrado da “Casa de Suplicação”, a suprema Corte de Justiça de Portugal, na época. Essa composição, que está baseada num texto vernáculo, também de autoria desconhecida, é uma laudatória em homenagem ao referido magistrado, que estava ligado à “Academia Brasileira dos Renascidos”, uma sociedade intelectual semelhante à “Arcádia Romana”. O referido magistrado estava recém-restabelecido de uma longa enfermidade e, ao que parece, o *Recitativo e Ária* foi composto especialmente para recebê-lo numa das reuniões da “Academia”.

Em Recife, encontramos o nome de Luís Álvares Pinto (1719-1789). Esse compositor, regente, poeta e professor viajou, por volta de 1740, para Lisboa, onde estudou com Henrique da Silva Negrão, organista da catedral de Lisboa, e que foi discípulo de Duarte Lobo. Na época em que viveu na capital portuguesa, ele compunha, tocava violoncelo na Capela real, fazia cópias de música e dava aulas em casas de nobres. Na relação de músicos portugueses publicada por José Mazza, em 1799, ele informa o seguinte sobre esse compositor: “Luís Alvares Pinto natural de Pernambuco, excelente Poeta Português e Latino, muito inteligente na língua Francesa, e Italiana; acompanhava muito bem rabecão, viola, rabeca veio a Lxa aprender contraponto com célebre Henrique da Silva, tem composto infinitas obras com muito acerto principalmente eclesiásticas; compôs (ultimat.e humas exequias) à morte do Senhor Rey D. José o primeiro a quatro coros, e ainda em composições profanas tem escrito com muito aserto ” (sic).

Em 1761 já estava de volta a Pernambuco, profissionalmente atuante. Nesse mesmo ano escreveu a *Arte de Solfejar*, cujo manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa. Foi responsável pela formação de vários músicos e mestres-de-capela. L. A. Pinto foi também militar, tendo tido a patente de capitão do regimento de milícia confirmada também em 1766.

Luís Álvares Pinto foi também um dos primeiros comediógrafos nascidos no Brasil. Sua peça teatral em três atos, *Amor Mal Correspondido*, foi encenada em 1780. Em 1782, por ocasião da inauguração da igreja de São Pedro dos Clérigos, foi confirmado na função de mestre-de-capela, cargo que já desempenhava desde 1778 e que ocupou até 1789, ano de seu falecimento.

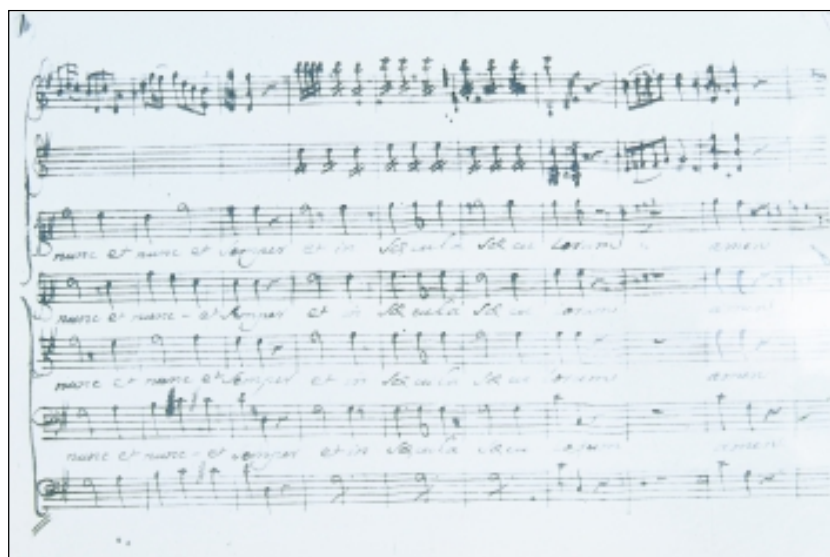
De suas poucas composições que alcançaram os nossos dias restaram apenas um *Tê Deum* alternado, cuja orquestração perdeu-se, e um *Salve Regina* para três vozes mistas, violinos I e II e baixo contínuo. Consta ainda ter composto três hinos a Nossa Senhora da Penha, um hino a Nossa Senhora do Carmo, um hino a Nossa Senhora Mãe do Povo, um Ofício da Paixão, matinas de São Pedro, matinas de Santo Antônio, novenas, ladainhas e sonatas.

Apesar do deslocamento do eixo econômico para a região das Minas Gerais, é nas capitanias gerais da Bahia e Pernambuco que encontraremos as referências musicais comprovadamente mais antigas do Brasil.

Se Luis Álvares Pinto foi o único compositor nascido no Brasil que teve a oportunidade de estudar em Lisboa – de acordo com a documentação conhecida até o momento –, por outro lado, o português André da Silva Gomes (Lisboa, 1752 – São Paulo, 1844) foi um músico enviado pela metrópole, no século XVIII, para ocupar a função de mestre-de-capela numa vila importante da colônia. Pouco se sabe sobre sua formação musical, apenas que foi discípulo de José Joaquim dos Santos (ca. 1747 – 1801?), compositor português aluno do napolitano David Perez (1711 – 1778), importante músico que sistematizou o ensino musical em Portugal, cujas obras foram amplamente difundidas inclusive no Brasil. André da Silva Gomes nasceu em Lisboa em 1752 e veio para o Brasil em março de 1774. Assim que chegou, foi contratado para ocupar o cargo de mestre-de-capela da Sé de São Paulo, tornando-se o quarto ocupante da função. Suas atividades foram intensas,

pois, ao que parece, havia uma necessidade de reorganização dos serviços musicais da Sé. Desde sua chegada até 1801, foi também o responsável pela música nas festas reais anuais da Câmara de São Paulo. Silva Gomes teve vários discípulos e agregados, entre eles futuros mestres-de-capela e organistas, como foi o caso de Bernadino José de Sena, que foi seu agregado em 1776 e mais tarde, desempenhou o cargo de organista na vila de Nossa Senhora do Rosário de Pernaguá, atual Paranaguá, PR.

Como já acontecia nas demais partes da colônia, o compositor precisou atuar em outras profissões para poder sobreviver. Após requerer algumas funções que lhe permitiram independência econômica em relação à capela da música da Sé, foi nomeado interinamente, em 1797, para o cargo de professor régio de gramática latina da cidade de São Paulo, tendo sido efetivado por D. Maria I no cargo de professor de latim em 1801. André da Silva Gomes abandonou todos os serviços



J. J. Emerico Lobo de Mesquita.
Tercio (1783).
Fotografia do original autógrafo.
FUNARTE

musicais além da Sé, de cujo salário abriu mão em benefício da capela de música da catedral, que não deixou por solicitação expressa do bispo. As primeiras composições de A. da Silva Gomes, datadas e assinadas, remontam ao ano de sua chegada a São Paulo, 1774. Trazidas de Portugal ou copiadas aqui por ele, existem diversas obras de compositores portugueses e italianos, na maioria salmos. Compôs mais de uma centena de obras. Muitas delas foram recopiadas posteriormente por outros, sem que se transcrevesse o nome de seu autor. Suas composições mais notáveis são a *Missa a 8 vozes e instrumentos* e a *Missa a 5 vozes*. Sua última composição foi uma *Missa de Natal*, 1823, composta para ser executada na Matriz da Freguesia de Acútia (atual Cotia, SP), ao que parece, uma adaptação de outra obra bem anterior.

No último quartel do século XVIII aparece ainda o nome de Theodoro Cyro de Souza como mestre-de-capela na catedral da Bahia. Esse é o último caso de nomeação direta de Portugal para o cargo em Salvador, e é também o primeiro compositor a atuar na região do qual encontramos exemplos musicais concretos. Nascido em Caldas da Rainha, Portugal, em 1766, Theodoro Cyro de Souza recebeu sua formação musical no Seminário Patriarcal em Lisboa, provavelmente sob a orientação de José Joaquim dos Santos. Em 1781, partiu de Lisboa para Salvador, onde assumiria a função de mestre-de-capela, com o patrocínio de D. Pedro III, da mesma maneira como ocorrera com André da Silva Gomes, em São Paulo.

A obra de Theodoro Cyro de Souza parece ter gozado de considerável reputação em toda a região, pois sua única composição encontrada no Brasil até o momento, os *Motetos para os passos da Procissão do Senhor*, é uma cópia do final do século XIX realizada

em Alagoinhas – BA, que foi localizada numa coleção de música para a Semana Santa, anônima, proveniente de Propriá – SE, divulgada numa primeira transcrição por Alexandre Bispo.

MÚSICA NAS MINAS GERAIS

O isolamento imposto pela Coroa portuguesa, assim como o próprio afastamento geográfico da região da Capitania-Geral das Minas Gerais, fará com que toda a organização da vida cotidiana, religiosa e cultural dessa parte do Brasil torne-se um tanto peculiar, necessitando, assim, de critérios específicos para sua avaliação.

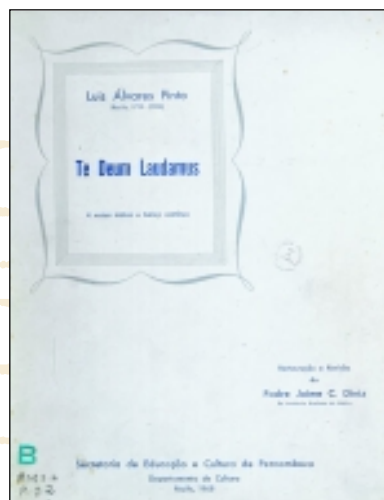
A descoberta do ouro trouxe enormes benefícios para a Coroa portuguesa, como já se sabe. A partir de 1696, a grande movimentação humana em direção ao interior do continente fez com que as autoridades portuguesas regulamentassem a ocupação dessas regiões. Preocupados com o contrabando de riquezas, a Coroa viu-se forçada a proibir a entrada de ordens monásticas nas regiões recém-ocupadas. Devido ao fato de que o Estado português e a Igreja Católica formavam uma espécie de unidade corporativa desde o século XVI, a inviolabilidade dos mosteiros e conventos era uma realidade aparentemente irreversível. Portanto, ao mesmo tempo em que a autoridade eclesiástica representava o Estado, ela também possibilitava o contrabando de ouro e pedras preciosas diante das autoridades civis, sem que essas pudessem fazer muito a respeito. Diante de tal situação, muito comum nas regiões do Nordeste brasileiro, determinou-se que toda a vida religiosa na região das minas fosse organizada por ordens leigas, ou irmandades formadas por homens comuns, que deveriam contratar todos os serviços relativos ao “bom desempenho das funções religiosas”.

Na verdade, o denominativo “pardo” foi criado pelos portugueses para não haver distinção entre negros forros, mulatos ou mesmo brancos nativos sem posses ou posição social.

Essas irmandades eram denominadas também como ordens terceiras, confrarias e arquiconfrarias, de acordo com sua importância na comunidade. Eram distribuídas por etnias, ou seja, homens brancos, pardos ou negros. O Estado colonial incentivava a rivalidade entre essas agremiações, que cuidavam de desde a construção da igreja até a contratação de artistas para a realização da decoração interna, talha, escultura e pintura, assim como a contratação de músicos para a criação e interpretação da música que deveria ser usada nas cerimônias. A maior parte dos músicos e artistas atuantes na região era “parda”, ou seja, de sangue mestiço de brancos e negros. Na verdade, o denominativo “pardo” foi criado pelos portugueses para não haver distinção entre negros forros, mulatos ou mesmo brancos nativos sem posses ou posição social.

A informação mais antiga que temos a respeito de um compositor ou regente ou organista, na antiga Vila Rica, é a de que Bernardo Antônio recebeu a soma de 200 oitavas de ouro pela música anual de 1715. Esse dado consta no livro de receitas e despesas da Irmandade de Santo Antônio. Ainda na primeira metade do século XVIII, encontramos os nomes de Francisco Mexia e de Antônio de Souza Lobo, em Vila Rica, assim como o do Mestre Antônio do Carmo, em São João del Rei. Todas as notícias relativas à música em Minas no século XVIII estão restritas aos livros manuscritos de receitas e despesas das irmandades. Não há registros de nomeações ou informações impressas sobre os compositores, pois a imprensa inexistia na colônia. O cargo de mestre-de-capela era um privilégio das sedes de bispado, portanto somente a vila de Mariana contava com nomeações para essa função. Nas demais vilas encontramos a denominação de “responsável pela música”, o que não implicava um cargo permanente, pois um músico responsável pelo serviço em um ano determinado poderia ser substituído no ano seguinte.

A documentação musical propriamente dita encontrada até o momento concentra-se numa produção posterior a 1770. Na condição de capital da capitania, Vila Rica, atual Ouro Preto, foi local de atividade mais intensa durante o período de final



Luís Álvares de Azevedo Pinto. *Te Deum Laudamus*. Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1968. Restauração do Padre Jaime Diniz. FUNARTE

do século XVIII até por volta de 1850.

O compositor mais antigo cuja obra é parcialmente conhecida é Ignácio Parreiras Neves (ca. 1730–1794?). A alusão mais remota ao seu nome é a de seu ingresso na Irmandade de São José dos Homens Pardos, em 16/4/1752. A partir daí, seu nome aparece como regente-compositor e cantor (tenor), em várias ocasiões até 1793, atuante em quase todas as Irmandades e Ordens 3^{as} de Vila Rica. De sua obra, conhecemos apenas três exemplos bem distintos entre si. São eles: o *Credo em Ré maior*, a *Antífona de Nossa Senhora – Salve Regina* e a *Oratória ao Menino Deus na Noite de Natal*. Nenhuma dessas obras está datada. A mais curiosa de todas é a *Oratória*. Trata-se de uma composição sobre texto vernáculo em português. É a única do gênero encontrada até agora no Brasil. No período em que Parreiras Neves atuou como cantor, dois outros músicos importantes foram seus colegas no conjunto vocal. São eles: Francisco Gomes da Rocha e Florêncio José Ferreira Coutinho. Considerando o fato de que esses músicos eram mais novos e que atuaram juntos por mais de 15 anos, acreditamos que esses dois tenham sido discípulos de I. P. Neves. Não há qualquer indicação de como esses músicos que viveram na região das minas aprenderam a arte da solfa. Não há menção em qualquer documento da existência de alguma escola de música. Portanto, a resposta mais razoável seria a de que eles se desenvolveram num processo de iniciação que seguia o modelo de relação mestre/discípulo, como no caso dos artistas plásticos,

DISCOGRAFIA

LUIS ÁLVARES PINTO: *TE DEUM*

MANOEL DIAS DE OLIVEIRA: *MISERERE E MAGNIFICAT*

IGNÁCIO PARREIRAS NEVES: *SALVE REGINA*

Negro Spirituals au Brésil Baroque

Direction: Jean-Christophe Frisch. K617113 - França

LUIS ÁLVARES PINTO: *TE DEUM*

Camerata Antiqua de Curitiba

Regência: Roberto de Regina. PAULUS 11563-0 - Brasil

IGNÁCIO PARREIRAS NEVES:

ORATÓRIA AO MENINO DEUS NA NOITE DE NATAL

Americantiga Coro e Orquestra de Câmara

Direção: Ricardo Bernardes.

AMERICANTIGA PLCD51837 - Brasil

ANDRÉ DA SILVA GOMES:

MISSA A 8 VOZES E INSTRUMENTOS

Orquestra Barroca do 14º Festival Internacional de Música

Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora

Direção: Luís Otávio Santos

CD 14º Festival - PRÓ-MÚSICA/ Juiz de Fora, MG - Brasil

VENI SANCTE SPIRITU

Americantiga Coro e Orquestra de Câmara

Direção: Ricardo Bernardes

AMERICANTIGA, Vol. I PLCD51837 - Brasil

JOSÉ JOAQUIM EMÉRICO LOBO DE MESQUITA:

MISSA EM MI BEMOL MAIOR

Orquestra Barroca do 12º Festival Internacional de Música

Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora

Direção: Luís Otávio Santos

CD 12º Festival - PRÓ-MÚSICA/ Juiz de Fora, MG - Brasil

MATINAS PARA QUINTA-FEIRA SANTA

Orquestra Barroca do 11º Festival Internacional de Música

Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora

Direção: Luís Otávio Santos

CD 11o.Festival - PRÓ-MÚSICA/ Juiz de Fora, MG - Brasil

MATINAS DE SÁBADO SANTO

Calíope

Direção: Júlio Moretzsohn

Museu da Música da Mariana III (CD - MMM III). Mariana, MG - Brasil

MISSA PARA 4ª FEIRA DE CINZAS

Calíope

Direção: Júlio Moretzsohn. CAL-001 Rio de Janeiro, RJ - Brasil

PE. JOÃO DE DEUS DE CASTRO LOBO:

MATINAS DE NATAL

Coral Porto Alegre e Orquestra

Regência: Ernani Aguiar

CD - FUNPROARTE, Prefeitura de Porto Alegre. Porto Alegre, RS - Brasil

como já pode ser constatado.

Francisco Gomes da Rocha (1754?–1808) ingressou na Irmandade da Boa Morte da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na Freguesia de Antônio Dias, em julho de 1766, e na Irmandade de São José dos homens Pardos, em junho de 1768.

Em todas essas confrarias, ocupou cargos importantes, como o de escrivão e tesoureiro. Apresentou-se como regente e contralto em inúmeras festividades, durante longo período da segunda metade do século XVIII. Foi também timbaleiro da tropa de linha, segundo o recenseamento de 1804. Nesse mesmo recenseamento consta que Gomes da Rocha contava com 50 anos na época do mesmo, tendo, portanto, nascido em 1754. De sua produção, conhecemos apenas uma parte mínima, que são as obras *Invitatório a 4* para 4 vozes, 2 trompas, violinos I e II, e baixo contínuo; *Novena de Nossa Senhora do Pilar*, de 1789, para 4 vozes, 2 trompas, vln. I e II, viola e baixo contínuo; *Spiritus Domine*, de 1795, para 2 coros, 2 oboés, 2 trompas, vln. I e II, viola e baixo contínuo. Há ainda uma obra incompleta, as *Matinas do Espírito Santo*, também de 1795.

Florêncio José Ferreira Coutinho (1750–1820) foi regente, cantor (baixo) e trombeteiro do Regimento de Cavalaria Regular. Por três vezes foi contemplado com a contratação para a realização do serviço anual das festas oficiais do Senado da Câmara de Vila Rica. Em 1770, entrou para a Irmandade de São José dos Homens Pardos, que lhe registrou o falecimento em 10/06/1820.

Outros três compositores de Vila Rica que mencionaremos são Marcos Coelho Neto (1746?–1806), Jerônimo de Souza Queiroz (17..–1826?) e o Pe. João de Deus de Castro Lobo (Vila Rica, 1794 – Mariana, 1832).

Coelho Neto, que era trompista, clarinista (trompetista), timbaleiro do 9º Regimento, além de compositor e regente, exerceu ainda, segundo documento localizado no cartório do 1º ofício de Ouro Preto pelo professor Ivo Porto de Menezes, o ofício de alfaiate. Em 1785 foi designado pelo Governador-Geral Luís da Cunha Menezes para reger a música de três óperas e dois dramas reais, por ocasião dos festejos

Ainda na década de 1750, chega à Sé de Mariana o Órgão Arp Schnitger, fabricado em Hamburgo, no norte da Alemanha (...) Esse instrumento foi uma doação do rei ao bispado e é considerado, hoje como o órgão Arp Schnitger mais importante fora da Europa.

do casamento dos infantes D. João e Mariana Vitória. Em 1804, ano do recenseamento geral de Vila Rica, o compositor declara contar com 58 anos, tendo nascido, portanto, em 1746. De sua obra, podemos citar o hino *Maria Mater Gratiae*, de 1787, o *Salve Regina* de 1796, e a *Ladainha em Ré Maior*, denominada em alguns manuscritos como *Ladainha das Trompas*.

Seu filho, também chamado Marcos Coelho Neto, foi trompista e trombeteiro do 19º Regimento. Em 1804, ele declarou ter 28 anos. Faleceu em 1823.

Acreditamos que as obras que levam o nome de Marcos Coelho Neto são da autoria do pai, pois apresentam características formais muito semelhantes entre si, e o filho seria demasiadamente jovem quando o hino *Maria Mater Gratiae* foi composto.

Jerônimo de Souza Queiroz foi organista e organeiro. Era filho do português Jerônimo de Souza Lobo Lisboa e Anna Maria Queiroz Coimbra. Seu nome tem sido freqüentemente confundido com o de seu pai, pois Souza Lobo foi, igualmente, um importante músico em Vila Rica. Souza Queiroz atuou na Irmandade do Santíssimo Sacramento do Pilar entre 1798 e 1801. Em 1826, compôs a *Missa e Credo* a 4 vozes com acompanhamento “d’órgão”. A data exata do seu falecimento é ainda ignorada, não tendo o seu nome aparecido em qualquer referência após 1826.

De sua obra, dispomos hoje de uma coleção aproximada de 20 manuscritos. Suas composições mais importantes são: *Credo em Ré Maior*; *Missa e Credo* a 4 para coro e órgão (1826); *Zelus Domus Tuae* (Ofício de 4ª feira santa); *Astiterunt Reges Terrae* (Ofício de 5ª feira santa); *In Pace* (Ofício de 6ª feira santa).

O último grande compositor ativo em Vila Rica

foi, sem dúvida, o Pe. João de Deus de Castro Lobo (1794-1832). As primeiras notícias da atividade musical do Pe. João de Deus datam de 1810, quando seu nome aparece como o responsável pela regência da temporada de Ópera em Vila Rica. De 1817 a 1823, atuou como organista da Ordem 3ª do Carmo, alternadamente, a partir de 1819, com sua formação sacerdotal no Seminário de Mariana, que se completará em 1821. Apesar de ter falecido bastante jovem, em 1832, o Pe. João de Deus foi um dos compositores mais “ousados” de sua época, escrevendo obras de grande dificuldade técnica tanto para as vozes quanto para os instrumentos. Pe. João de Deus deixou variada obra litúrgica, além da *Abertura em Ré-Maior*, que é o único exemplar de música puramente instrumental encontrado em Minas pelo autor do presente texto.

Suas principais composições são: *Missa e Credo* a 8 vozes e orquestra; *Missa a 4 vozes em Ré maior*; *Matinas de Natal*; *Matinas de Nossa Senhora da Conceição*; *Tê Deum* (1822); *6 Responsórios Fúnebres* (1832).

O compositor faleceu em Mariana, aos 38 anos de idade, em 1832.

Antes do Pe. João de Deus, Mariana, como sede do bispado, foi um centro musical de grande importância, sendo que a função de mestre-de-capela foi criada pelo primeiro bispo D. Frei Manoel da Cruz. Ainda na década de 1750, chega à Sé de Mariana o Órgão Arp Schnitger, fabricado em Hamburgo, no norte da Alemanha, originalmente para servir em Lisboa. Esse instrumento foi uma doação do rei ao bispado e é considerado, hoje, como o órgão Arp Schnitger mais importante fora da Europa.

Outro compositor importante que provavelmente atuou em Mariana foi Francisco Barreto Falcão, procedente da Vila de Sabará. Algumas de suas obras encontram-se em manuscritos, no Museu da Música de Mariana.

Da avaliação que se pode fazer até o momento da produção musical de Vila Rica de Nossa Senhora da Conceição do Sabarabussu, atual Sabará, percebemos que a produção musical de lá foi igualmente intensa, porém a perda da documentação musical foi ainda maior que em outros lugares.

Além de Francisco Barreto Falcão, que atuou em Mariana, encontramos Manuel Júlio da Silva Ramos (1763-1824), que foi descoberto pelo musicólogo Régis Duprat. O compositor Manuel Júlio aparece exercendo funções musicais na Vila de Atibaia, SP, em 1808. É autor de um *Credo*, cuja linguagem está bem próxima da dos demais compositores.

As Vilas de São José e São João del-Rei desempenharam também um importante papel na produção musical do período. O compositor de maior destaque da região é, sem dúvida, Manuel Dias de Oliveira (1735 – 1813). Organista e regente, esse compositor jamais atuou fora de sua região, onde foi organista na Matriz de Santo Antônio de São José del-Rei (atual Tiradentes).

A maior parte das obras atribuídas a Manuel Dias de Oliveira apresenta, às vezes, estilos muito diferentes entre si, fazendo com que coloquemos em dúvida boa parte do conjunto de obras que hoje conhecemos.

Em São João del-Rei, os compositores mais importantes são Antônio dos Santos Cunha, Pe. Manuel Camelo, João José das Chagas, Francisco Martiniano de Paula Miranda e Lourenço José Fernandes Braziel.

Santos Cunha representa, juntamente com Pe. João de Deus, o início das influências românticas na música produzida na região das minas. Esse compositor atuou em São João entre 1815 e 1825; ignoram-se as datas de seu nascimento e morte.

A primeira notícia escrita de atividade musical em São João del-Rei data de 1717, quando o Governador da Capitania de Minas Gerais, Dom Pedro de Almeida e Portugal, conde de Assumar, fez uma visita à antiga vila.

O manuscrito de Samuel Soares de Almeida relata minuciosamente a recepção, descrevendo desde a marcha de entrada da comitiva na vila até a solenidade na Igreja Matriz, “ao som de música organizada pelo mestre Antônio do Carmo”. Na Igreja foi entoado o *Te Deum*, “que foi seguido por todo o clero e música”, o que provavelmente indica uma forma alternada de canto em polifonia com os padres cantando um verso gregoriano e o conjunto musical respondendo com um verso musical, tal como se faz, ainda hoje, na cidade.

Daí em diante, o mestre Antônio do Carmo responsabiliza-se pela parte musical de importantes festas realizadas na vila. Em 1724 dirigiu a música na solenidade de benção da nova Matriz. Quatro anos depois, organizou a música para a festa de São João Batista, promovida pelo Senado da Câmara, e, em 1730, os “desponsórios dos Sereníssimos Príncipes Nossos Senhores”. Pe. Manuel Camelo parece ser o compositor mais antigo do qual conhecemos algum exemplo musical. Trata-se de uma Antífona: *Flos Carmeli*. Lourenço José Fernandes Braziel atuou em fins do século XVIII e início do XIX, sendo que o inventário de seus bens nos dá uma visão bastante ampla do tipo de repertório que era conhecido pelos

A maior parte das obras atribuídas a Manuel Dias de Oliveira apresenta, às vezes, estilos muito diferentes entre si, fazendo com que coloquemos em dúvida boa parte do conjunto de obras que hoje conhecemos.

compositores mineiros da época. João José das Chagas e Francisco Martiniano de Paula Miranda são compositores também representativos da música do início do século XIX.

Na Vila de Tamanduá (atual Itapeverica) aparece o nome de José Rodrigues Dominguez de Meireles como músico. Em época ignorada, esse compositor transferiu-se para a Vila de Nossa Senhora da Piedade (atual Pitangui). De sua obra, a referência mais antiga que temos é uma página de rosto existente no Museu da Música de Mariana; trata-se de uma *Antífona de Santo Antônio*, de 1797, que se encontra perdida. Existe ainda, no Museu da Música, uma *Antífona Portuguesa a Sta. Rita*. As demais obras encontradas são: *Ofício de Domingo de Ramos* (1810); *Ofício de 4ª feira de Trevas “Zelus Domus”* (1811); *Ofício de 5ª feira “Astiterunt”* (1811); *Ofício de Finados*, todas completas. Todas essas obras estão no Arquivo Curt Lange, em Ouro Preto. Consta no arquivo que pertenceu ao Maestro Vespasiano Santos, em Belo Horizonte, a ária a solo *Oh Lingua Benedicta*, de 1815.

Em 1985, foram descobertas pelo autor deste texto, uma *Trezena de Santo Antônio* e um *Domine ad Adjuvandum* de Dominguez de Meireles.

Outro importante compositor é Joaquim de Paula Souza, o “Bonsucesso”, de Prados, que deixou uma *Missa em Sol Maior* e outra em *Dó Maior*. Na região diamantina, ou seja, da Vila do Príncipe do Serro do Frio (atual Serro) e do Arraial do Tejuco (atual Diamantina), atuaram José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746?–1805), José de Paiva Quintanilha (século XVIII/XIX) e Alberto Fernandes de Azevedo (século XVIII/XIX).

Lobo de Mesquita atuou como organista e compositor na Vila do Príncipe até por volta de 1775, quando se transferiu por motivos desconhecidos para o Arraial do Tejuco. Sua obra datada mais antiga que conhecemos é a *Missa para Quarta-feira de Cinzas*, de 1778, para 4 vozes, violoncelo *obligatto* e órgão

(baixo contínuo), o que mostra que o compositor, muito provavelmente, já atuava como organista nessa época. Em 1792, encarregou-se de compor um *Oratório para a Semana Santa*, que se encontra perdido. Em 1795 abandonou o Carmo e em 1798, o Arraial do Tejuco, por problemas financeiros, indo instalar-se em Vila Rica, onde viveu por um ano e meio. Com a decadência da Vila e a falta de melhor remuneração para o seu trabalho, Lobo de Mesquita abandona Vila Rica em 1800, passando o cargo que ocupava na Ordem 3ª do Carmo para Francisco Gomes da Rocha. A partir de dezembro de 1801 até a morte, tocava nas missas da igreja da Ordem 3ª do Carmo, no Rio de Janeiro, em troca de 40 mil réis. O compositor faleceu em 1805. Como todos os outros compositores de sua época, a maioria de sua obra se perdeu. Algo em torno de 60 manuscritos chegaram até os nossos dias.

José de Paiva Quintanilha atuou na Vila do Príncipe durante toda a sua vida e, ao que parece, pelo estilo de sua *Missa em Sol Maior*, foi discípulo de Lobo de Mesquita. Desse mestre, no momento, pouco podemos dizer além de que recebeu, da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Vila do Príncipe, para compor a música da Semana Santa de 1790, 1792, 1807 e 1808, e que seu nome figura numa relação de músicos da Irmandade de Santa Cecília no período de 1817 a 1838.

O nome de Alberto Fernandes de Azevedo aparece no período de 1804–1805 na Capela das Mercês do Tejuco, tendo entrado para esta Irmandade, segundo Curt Lange, em 24/9/1799. Em 1818 e 1819 foi encarregado de compor a música para cravo para a Semana Santa para a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio, no Tejuco. Apenas duas obras suas chegaram até os nossos dias: *Gradual Veni Sancte Spiritus* para quatro vozes, violino I e II, viola, trompas e baixo; e uma *Encomendação* para quatro vozes e baixo.

HARRY CROWL

Compositor e musicólogo. Tem obras apresentadas no Brasil e em vários países. Prof. da Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

Diretor artístico da Orquestra Filarmonica Juvenil da Universidade Federal do Paraná.

Produtor de programas da Rádio Educativa do Paraná e da Rádio MEC. Presidente da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea (2002–2005).